

DOSSIÊ

O ESTÁGIO CURRICULAR COMO ATIVIDADE MEDIADORA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO CURSO DE PEDAGOGIA

Noeli Prestes Padilha RIVAS
Universidade de São Paulo - USP/FFCLRP
Ribeirão Preto, Estado de São Paulo-Brasil
noerivas@ffclrp.usp.br
<https://orcid.org/0000000419370722>

Cristina Cinto Araujo PEDROSO
Universidade de São Paulo - USP/FFCLRP
Ribeirão Preto, Estado de São Paulo-Brasil
cpedroso@ffclrp.usp.br
<https://orcid.org/0000000286876497>

Delma Rosa dos Santos BEZERRA
Universidade de São Paulo - USP/FFCLRP
Ribeirão Preto, Estado de São Paulo-Brasil
delmarsb@ffclrp.usp.br
<https://orcid.org/0000000159274282>

RESUMO: O presente artigo trata do estágio curricular desenvolvido no curso de pedagogia, em uma instituição pública estadual paulista, implantado em 2002. Tem como objetivo analisar o estágio de didática II, apoiando-se em mediadores essenciais, tais como o diálogo, o pensamento crítico e analítico e a ação coletiva. Fundamenta-se no método do materialismo histórico-dialético, situando as categorias mediação e atividade, e utiliza o ensaio teórico como base metodológica na análise do referido tema. Considerar o estágio curricular como campo de conhecimento implica aferir-lhe um estatuto epistemológico que rompa com sua tradicional concepção, ou seja, a de ser atividade prática instrumental assentada em modelos que reduzem a atividade docente a um fazer artesanal. Conclui-se que a compreensão do estágio como elemento mediador do desenvolvimento docente, apresentada neste artigo, contribui para pensar a formação inicial do professor com base em perspectiva mais complexa e processual.

Palavras-chave: Curso de pedagogia. Estágio curricular. Mediação. Atividade. Processo formativo.

CURRICULAR STAGE AS A MEDIATING ACTIVITY OF TEACHER TRAINING IN THE PEDAGOGY COURSE

ABSTRACT: This article deals with the curricular stage developed in the Pedagogy Course, in a Paulista State Public Institution, implemented in 2002. Aims, analyzing the didactic stage II, supported by essential mediators, such as dialogue, critical thinking and analytical and collective action. It is based on the method of dialectical historical materialism, placing the categories mediation and activity and uses the theoretical essay as referent methodological in the analysis of said topic. Considering the curricular stage as a field of knowledge implies it an epistemological status that breaks with its traditional conception, that is, instrumental practical activity seated in models that reduce teaching activity to an artisanal. It is concluded that the understanding of the stage as a mediator's element of the teacher's development, presented in this article, contributes to the initial training of the teacher from a more complex and procedural perspective.

Keywords: Pedagogy course. Curricular stage. Mediation. Activity. Formative process.

LA PRÁCTICA CURRICULAR COMO ACTIVIDAD MEDIADORA EN LA FORMACIÓN DOCENTE EN LA CARRERA DE PEDAGOGÍA

RESUMEN: Este artículo trata sobre la pasantía (práctica) curricular desarrollada en el Curso de Pedagogía, en una institución pública estadual de São Paulo, implementada en 2002. Su objetivo es analizar la pasantía de Didáctica II, apoyada en mediadores esenciales, como el diálogo, el pensamiento crítico y el análisis y acción colectiva. Se basa en el método del materialismo histórico dialéctico, ubicando las categorías mediación y actividad y utiliza el ensayo teórico como referencia metodológica en el análisis del tema mencionado. Considerar la práctica curricular como un campo de conocimiento implica asignarle un estatuto epistemológico que rompe con su concepción tradicional, esto es, una actividad práctica instrumental basada en modelos que reducen la actividad docente a un oficio. Se concluye que la comprensión del internado como elemento mediador en el desarrollo del docente, presentada en este artículo, contribuye a pensar la formación inicial del docente desde una perspectiva más compleja y procedimental.

Palabras-clave: Curso de Pedagogía. Etapa curricular. Mediación. Actividad. Proceso formativo.

INTRODUÇÃO

A formação inicial de pedagogas e pedagogos tem sido objeto de estudos e pesquisas no Brasil, seja pela defesa de seu estatuto científico e formativo, seja por sua condição de saber especializado que expressa uma matriz identitária, englobando conhecimentos e saberes necessários à ação educativa (PIMENTA; SEVERO, 2021). Acrescente-se, ainda, a efervescência de discussões/embates pelas instituições formadoras, as escolas públicas e as associações científicas, tendo em vista o movimento avassalador de desmonte da educação pública e das políticas de formação e valorização dos professores, com destaque para as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (BRASIL, 2006) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para formação continuada (BRASIL, 2015), fortemente confrontadas pelas atuais políticas de formação de professores.

Nessa direção, aponta-se a proposta da Base Nacional Comum da Formação (BNC-Formação), consubstanciada na aprovação de duas legislações pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), Resoluções CNE/CP nº 1/2020 (BRASIL, 2020) e nº 2/2019 (BRASIL, 2019), as quais representam amplo retrocesso para a formação docente, visto que a perspectiva adotada se pauta no conceito de competência de viés pragmático e tecnicista e na lógica empresarial e privatista, tendência que vai se impondo nas instituições públicas de educação básica e superior.

O presente artigo coloca em discussão o estágio curricular, dimensão fundamental da formação dos professores, que também vem sofrendo, conseqüentemente, ressignificações e retrocessos conceituais. De maneira mais específica, analisa o estágio curricular desenvolvido no curso de pedagogia, em uma instituição pública estadual paulista, implantado em 2002. Esta análise se fundamenta no materialismo histórico-dialético, com base nas categorias mediação e atividade. A proposta de estágio desse curso pretende romper com a instrumentalidade, visto que se fundamenta na relação teoria-prática, na pesquisa, na ressignificação dos conceitos e da prática docente, enfim, na perspectiva do estágio curricular como campo de conhecimento, atividade científica e eixo curricular central (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 61). Considerar o estágio curricular como campo de conhecimento implica aferir-lhe um estatuto epistemológico que rompa com sua tradicional concepção, ou seja, a de atividade prática instrumental assentada em modelos que foram produzidos pela cultura escolar dominante e que reduziram a atividade docente a um fazer meramente instrumental. Porém, essa compreensão deve ser analisada no âmbito das contradições que permeiam a lógica dominante do capital e do capital cultural, reverberando nas práticas pedagógicas, carregadas de intencionalidades do fenômeno educativo, desenvolvidas por docentes e estudantes, mediados pelos desafios epistemológicos e curriculares (SAVIANI, 2008; 2015; VÁZQUEZ, 1977).

Conceber o estágio curricular como atividade científica pressupõe potencializá-lo como espaço de pesquisa, como método de formação de futuros professores no sentido de analisar, refletir e ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas pelos estudantes estagiários de pedagogia nas escolas, nos sistemas de ensino e nos demais espaços educativos. Nesse âmbito, reconhecê-lo como campo de pesquisa implica desenvolver um processo formativo integrado em que os atores (estudante estagiário, professores, educadores formadores e professores da educação básica) tenham oportunidade de buscar conhecimentos para analisar questões educativas e da profissão docente em contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais (PIMENTA; LIMA, 2008).

O estágio como eixo curricular central permeia a organização do curso de pedagogia e, portanto, não pode ser entendido como a dimensão prática do curso. O Parecer CNE/CP nº 28/2001 (BRASIL, 2001) destaca que ele se caracteriza por “uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário”. Assim, esse componente curricular está voltado para a mobilização de ações que incorporam as práticas concretas, uma forma de licenciando em pedagogia aprender a lançar um novo olhar sobre os gestos profissionais, dando-lhes maior destaque e visibilidade, como ponto de partida do concreto pensado e fator de desenvolvimento profissional. O estágio curricular tem papel de elemento integrador na formação do professor, oferecendo ao estudante oportunidades de experienciar conhecimentos e ações adquiridos no curso, para responder às necessidades e aos desafios da realidade escolar. Esse conhecimento envolve uma série de questões atinentes ao processo de ensinar e aprender.

Neste estudo, analisa-se o estágio à luz das categorias mediação (SAVIANI, 2015) e atividade (LEONTIEV, 1978). Para Marx (2008, p. 18), “as categorias exprimem formas de modos de ser, determinações de existência”. Desse modo, se as categorias são constituídas conforme o seu contexto, significa que elas são dialéticas e dinâmicas, pois se realizam de acordo com o movimento da sociedade, pressupondo a compreensão dos fenômenos concretos. Segundo Oliveira (1988, p. 80), as categorias não são um fim em si mesmas, mas devem corresponder às “condições concretas de cada tempo e lugar. [...] São constituídas a partir de um contexto de relações sociais com o movimento da sociedade e a todo seu contexto social, político, econômico, ideológico”.

O conceito de mediação em Vygotsky tem raízes na concepção de trabalho, elaborada por Marx (2008) e Marx e Engels (2007). Para Vygotsky (1995), a mediação é interpretada como atividade mediada por signos e ferramentas – instrumentos psicológicos e físicos, respectivamente, os quais ampliam a ação humana em diferentes direções. Nessa perspectiva, compreende-se que o trabalho modifica o meio e, ao mesmo tempo, modifica o próprio ser humano (VYGOTSKY, 1995). Na compreensão de Leontiev (1978, p. 66-67), a “atividade não é uma reação nem um conjunto de reações, mas sim um sistema que tem estrutura, suas transições e transformações internas, seu desenvolvimento. [...] É uma unidade molecular, não uma unidade aditiva da vida do sujeito corporal, material”.

Tendo em vista as considerações iniciais, organiza-se o texto em três momentos. No primeiro momento, efetuam-se reflexões a respeito das categorias mediação e atividade. Em seguida, discute-se, à luz das categorias escolhidas, o contexto do estágio curricular, bem como sua concepção como atividade mediadora da formação do professor. Por fim, analisa-se a proposta de estágio consubstanciada na atividade mediadora de docência: planejamento e desenvolvimento de unidade didática (UD) nos anos iniciais da escola pública, referendada pelas categorias atividade e mediação.

O ESTÁGIO CURRICULAR COMO ELEMENTO MEDIADOR DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

A ideia de estágio é concebida neste estudo como atividade mediadora fundamentada nas perspectivas teóricas da pedagogia histórico-crítica (SAVIANI, 2015) e da psicologia histórico-cultural (VYGOTSKY, 2007). Essas teorias congregam vários conceitos contributivos para pensar o processo de formação do professor no estágio curricular de didática II de um curso de pedagogia de uma universidade pública estadual. Este ensaio se apoia principalmente nos conceitos de mediação e atividade.

Para compreender a mediação nessas abordagens, é necessário recuperar uma ideia básica da perspectiva marxista que orienta a construção desse conceito, a de que o desenvolvimento do homem e de suas funções psicológicas superiores assim como a origem da sociedade são resultados do surgimento do trabalho (SAVIANI, 2015). É por meio do trabalho que se criam as condições para existir, é por meio do trabalho que o homem sai da condição de animal e avança para a condição sociável. Isso acontece porque o trabalho pressupõe a atividade coletiva, a criação e a utilização de instrumentos. O trabalho pode ser entendido também como a atividade principal exercida pelo sujeito em determinado momento da vida (VYGOTSKY, 2007).

A teoria marxista da sociedade, conhecida como materialismo histórico, tem fundamental importância no desenvolvimento do conceito de mediação da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Essas teorias constroem a formulação da mediação fundamentadas na afirmação de Marx de que as relações dos homens entre si e com a natureza são mediadas pelo trabalho.

Para a psicologia histórico-cultural, “mediação é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, 1993, p. 30). Nessa perspectiva teórica, a questão da mediação é fundamental, uma vez que é por meio desse processo que as funções psicológicas superiores, tipicamente humanas, desenvolvem-se (VYGOTSKY, 2007; BEZERRA, 2017).

Partindo desse pressuposto, a construção da identidade docente é atravessada e orientada por diversos aparatos. Entende-se o estágio como um desses componentes que se colocam entre o professor em formação e o objeto a ser conhecido, que, na disciplina de didática II, é a organização do ensino. Nessa concepção, o mediador está composto de outros mediadores que podem potencializar a formação do professor.

Alguns exemplos de mediadores são as relações do estagiário com: o professor da educação básica responsável pela turma estagiada; os colegas, já que o estágio acontece em dupla; o docente da disciplina de didática e a educadora¹ nos grupos de supervisões e de trabalho; o processo de elaboração da UD, que é o planejamento da atividade de docência; as reuniões pedagógicas; o projeto político-pedagógico da escola campo de estágio; além da elaboração do relatório final e do diário de campo etc.

Segundo a psicologia histórico-cultural, são dois os elementos que atuam no processo de mediação do desenvolvimento humano do professor: os instrumentos e os signos (VYGOTSKY, 2007). “Signos, na sua forma mais elementar, são marcas externas, que dirigem e controlam ações psicológicas, seja do próprio indivíduo, seja de outras pessoas” (OLIVEIRA, 1993, p. 30). Os instrumentos são artefatos que se colocam entre o homem e o objeto a ser apropriado, eles se localizam fora do indivíduo e têm potencial para alterar a natureza tanto do objeto quanto do homem (VYGOTSKY, 2007; BEZERRA, 2017). As ferramentas de trabalho do professor são exemplos de instrumentos que modificam o aluno e o professor. O estágio de didática II é constituído desses dois tipos de mediadores.

A pedagogia histórico-crítica ampara-se nessa ideia de mediação da psicologia histórico-cultural para afirmar “a educação como uma atividade mediadora no interior da prática social global” (SAVIANI, 2015, p. 35). Com base nessa afirmação, propõe-se que é por meio da educação, no caso, por meio do estágio, que os professores em formação podem entender a realidade escolar, o papel da educação e como se organiza o

¹ Educadora é uma profissional licenciada em educação e concursada em regime de trabalho de 40 horas semanais que, no curso referido, trabalha, junto com os docentes, no planejamento, no desenvolvimento e no acompanhamento dos estágios curriculares obrigatórios.

ensino na escola e apropriarem-se deles. Fundando-se nas proposições de Saviani (2015), pode-se supor que: o estágio só assume essa configuração de mediador quando esse processo se inicia e se encerra na prática social, os orientadores de estágio e o aluno estão imersos na prática social e buscam, por diferentes mediadores, abstrair da aparência do objeto estudado para entender os movimentos constitutivos.

Nessa linha,

o ato de conhecer implica em captar o movimento que nos permite entender como nasceu essa sociedade; de onde ela surgiu; como se encontra estruturada; quais as contradições que a movem definindo as tendências de seu desenvolvimento e apontando para as possibilidades de transformação numa forma de ordem superior [...] (SAVIANI, 2015, p. 36).

As transformações almejadas, segundo o autor, só acontecem mediante ações intencionais e coletivas dos homens organizados para lutar pelas transformações necessárias. Compreende-se que o processo de aquisição dos conhecimentos e da cultura não é simples, depende da qualidade das mediações organizadas e oferecidas pelo docente e pelo educador aos alunos. Isso significa que não basta simplesmente o graduando ter contato com a escola e com a organização do ensino para que aprenda o que é ser professor e se aproprie disso. É preciso que a disciplina de didática II ofereça, nesse processo, mediadores que auxiliem na apropriação do ser professor e que esses elementos sejam pensados e organizados na concepção de atividade (LEONTIEV, 1978).

O conceito de atividade tem sua base nos pressupostos da psicologia histórico-cultural. Para Leontiev (1978), a atividade refere-se, de modo geral, aos processos psicológicos, à forma como o sujeito se desenvolve e aprende. Embora o autor não nomeie explicitamente a atividade dessa forma, para explicar esse conceito, entende-se, aqui, a atividade como uma ação com um objetivo/motivo bem claro. Contudo, essa ação não é pontual, ela recebe essa definição, mas, para se efetivar, precisa de um conjunto de realizações para alcançar determinado objetivo. Todas essas proposições precisam estar ligadas pelo mesmo objetivo.

Nessa perspectiva, são considerados, no estágio de didática II, como mediadores essenciais: o diálogo, o pensamento crítico e analítico e a ação coletiva. Essas ferramentas são norteadoras básicas de todas as atividades articuladas no processo formativo. O diálogo está presente no estabelecimento e na manutenção da interação das docentes e da educadora com as escolas públicas campo de estágio, na constituição e na parceria das duplas de estagiários, na interação e no trabalho de acompanhamento que os docentes e a educadora fazem durante todo o processo de desenvolvimento dos graduandos no estágio, nos grupos de trabalhos dos estudantes antes e durante as aulas teóricas, nas supervisões de pequenos e de grandes grupos² de alunos fora e no horário de aula.

O pensamento crítico e analítico é provocado e estimulado na orientação da leitura dos textos da disciplina, na produção e na interpretação dos dados do caderno de campo, nos grupos de supervisão, na elaboração

2 As supervisões são reuniões agendadas previamente com os estudantes com o intuito de: orientar de forma mais detalhada as atividades a serem desenvolvidas no estágio e discutir, à luz dos referenciais teóricos, os dados trazidos da atividade de observação da escola e da atividade de docência (intervenção pedagógica). Estão previstos esses momentos tanto em pequenos grupos (de 4 a 6 alunos) quanto em grupos maiores (cerca de 15 a 20 alunos). Nos pequenos grupos, o objetivo é aprofundar a análise e a discussão dos dados. No grupo maior de supervisão, além das análises e das discussões, socializa-se toda reflexão feita nos pequenos grupos, ampliando assim a compreensão dos estagiários sobre o fazer docente. No projeto pedagógico do referido curso, estão previstos momentos de supervisão no horário regular de aula e fora desse horário das disciplinas. Fora do horário de aula, a supervisão também é feita na universidade num ambiente específico para esse fim, por exemplo, nos laboratórios didáticos ou nas salas das educadoras.

das sínteses escritas, na confecção da UD e na produção da apresentação oral do estágio. O trabalho coletivo fundamenta a ação dos docentes e da educadora que ministram a disciplina do estágio de didática II e é estruturante de todas as atividades que são realizadas no estágio.

Tendo como substrato os conceitos de mediação e de atividade explicitados anteriormente, compreende-se o estágio como uma atividade de mediação do desenvolvimento e da formação do professor porque reúne atividades e situações significativas e sistematizadas que se colocam entre o estagiário e a atividade docente a ser apropriada e funcionam como instrumentos mediadores potencializadores da formação do professor. Esses mediadores estão organizados de forma tal que os estudantes avancem, como pontua a pedagogia histórico-crítica, de uma compreensão sincrética do ser professor para uma sintética.

Essa organização prevê uma fase inicial de observação e de vivência da sala de aula, avança para um momento mais reflexivo e analítico, propiciado pelas supervisões, estudo do referencial e aulas teóricas. Depois, passa-se para uma fase propositiva em que os estagiários têm de elaborar e desenvolver uma UD e termina com a elaboração e apresentação, por escrito e oralmente, de síntese de todo o processo.

Na próxima seção, discorre-se acerca do processo de concepção e sistematização dos artefatos mediadores da formação do professor no projeto de estágio curricular.

ATIVIDADES MEDIADORAS NO ESTÁGIO CURRICULAR DE DIDÁTICA II: CONTEXTUALIZAÇÃO

O curso de pedagogia, da universidade pública paulista, contempla 400 horas de estágio curricular. Essa carga horária atende ao que preconiza a pertinente legislação, bem como o Programa de Formação de Professores da instituição, que ressalta, entre seus princípios:

A instituição escolar e sua proposta pedagógica, concomitantemente com as características das áreas específicas de atuação dos licenciandos, devem ser o eixo norteador das diferentes modalidades de estágio supervisionado, que poderão também estender suas ações investigativas e propositivas a órgãos centrais e espaços sócio-institucionais relevantes para a educação pública (USP, 2004, p. 5-6).

Os estágios no curso de pedagogia em tela ocupam papel relevante no processo formativo, sendo ofertados e organizados ao longo dele em formatos diferenciados que visam a se adequar da melhor forma às áreas de intervenção do futuro profissional. Procura-se ainda ordenar, no projeto pedagógico, os componentes curriculares de tal forma que o percurso seja favorecedor de articulações entre as diferentes disciplinas.

A integração entre teoria e prática é um princípio de exigência do processo de formação do pedagogo(a), decorrendo desse modo a necessidade de que o currículo envolva um contínuo e permanente processo de prática de ensino, entendida esta como mediação de ensino e de aprendizagem no âmago da qual o fazer concreto, orientado pelo saber teórico, possa integrar e consolidar a formação profissional. Os espaços da prática educativa, as escolas e outras instâncias existentes num tempo e espaço constituem o campo de atuação dos pedagogos (os já formados e os em formação). O conhecimento e a interpretação desse real existente devem constituir o ponto de partida dos cursos de formação (inicial e contínua), uma vez que se trata de garantir recursos e dar instrumentos aos futuros pedagogos para sua atuação profissional. Busca-se, por meio de diversas disciplinas, tal articulação, explicitada, ainda, na carga horária referente aos componentes da prática de ensino (SÃO PAULO, 2021, p. 21).

Os estágios no curso de pedagogia em pauta ocupam papel relevante no processo formativo, sendo organizados em formatos diferenciados que visam a se ajustar da melhor forma possível às áreas de intervenção do futuro profissional. Procura-se a ordenação dos componentes curriculares no sentido de que o percurso formativo seja favorecedor de articulações, quer entre teoria e prática, quer entre as diferentes disciplinas. Busca-se ainda, durante a realização dos estágios, que ocorrem do terceiro ao oitavo semestre desde seu início, organizar essa atividade de tal modo que toda a vivência desse processo configure conteúdo de aprendizagem, evidenciando as relações no interior das escolas públicas. Assim sendo, procura-se evitar generalizações que levam ao “abstracionismo pedagógico” (CORRÊA, 2010), mas que oportunizam discussões, elaborações, ressignificações em um concreto pensado.

No terceiro semestre, com carga horária total de 50 horas, em duas disciplinas articuladas (“fundamentos psicológicos da educação” e “política e organização da educação básica no Brasil”), pedagogas(os) têm contato com conhecimentos acerca da instituição educativa como organização complexa, que tem a função de promover a educação para e na cidadania. Esses saberes envolvem a política educacional, a escola pública, a psicologia da educação, os processos de aprendizagem, a relação professor-aluno, entre outros. Essa fase direciona os estudantes para um olhar diferenciado, à medida que desenvolvem atividades de participação crítica, com base nas temáticas que perpassam as referidas disciplinas.

Nos quinto e sexto semestres, o estágio consubstancia-se na ação pedagógica integrada: ensino fundamental I (60h), ação pedagógica integrada: ensino fundamental II (60h), gestão educacional e coordenação do trabalho na escola (30h). Abrange estudo, investigação e atividades que envolvem conteúdos específicos e pedagógicos, seus fundamentos e metodologias, nas áreas de língua, matemática, ciências sociais e biológicas, enfim, diferentes linguagens e códigos linguístico-sociais utilizados pelos estudantes nos anos iniciais do ensino fundamental e na educação infantil, etapas e modalidades de educação básica. Além disso, o estágio em gestão abarca investigações sobre processos educativos, organizacionais e de gestão na área educacional.

O estágio desenvolvido nos sétimo e oitavo semestres abrange disciplinas de atividades práticas: gestão do processo educativo (50h), ação pedagógica integrada: educação infantil I (60 h) e ação pedagógica integrada: educação infantil II (60h). Aborda conhecimento multidimensional sobre o ser humano, as práticas educativas e os processos de desenvolvimento de crianças na etapa de educação infantil, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética, biopsicossocial e política. As atividades de gestão envolvem conhecimentos/saberes/investigações que possibilitam aos estudantes conhecerem as instituições escolares em sua complexidade, bem como os desafios que advêm de políticas públicas e repercutem no cotidiano escolar.

O estágio na disciplina de didática II, denominado “didática e práticas pedagógicas: planejamento e currículo”, objeto deste artigo, encontra-se organizado no quarto semestre do curso de pedagogia de uma universidade pública do interior do estado de São Paulo, com uma carga de 30 horas. Integra o corpo de conhecimentos (trabalho docente, avaliação e currículo) e, ao se desenvolver num formato que assume uma atitude investigativa, compreende a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade, possibilitando aos estudantes compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais nos quais ocorre a atividade docente (LIMA; AROEIRA, 2011). Predominantemente de caráter investigativo, o estágio propicia os primeiros contatos e reflexões acerca da prática docente, no qual a atividade de aprendizagem da docência e a relação teoria e prática são consideradas elementos indissociáveis na constituição dos saberes e da identidade do professor. Nesse sentido, o estágio é percebido pelo conceito de práxis como atividade que compreende e transforma a realidade (PIMENTA; LIMA, 2008). No entender deste

estudo, o estágio curricular é definido como exercício teórico de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, que valoriza a prática profissional como momento de construção de conhecimento por meio de reflexão, análise e problematização dessa prática e como espaço privilegiado da construção da identidade de professor.

Como apontado anteriormente, todos os estágios do curso se realizam em escolas públicas e estão organizados de acordo com os seguintes princípios: trabalho coletivo e democrático, valorização da escola pública e atividade de pesquisa como eixo formativo. A escolha de ter como campo de estágio somente escolas públicas ancora-se no compromisso que o curso assumiu, desde a sua concepção, de contribuir com a melhoria da qualidade do ensino das instituições públicas educacionais.

A orientação para que os estudantes desenvolvam suas atividades de estágio em dupla pauta-se na crença de que o “trabalho do professor pode ser potencializado se houver um projeto que tenha sido pensado, construído e avaliado coletivamente” (CORRÊA, 2010, p. 39). Essa forma de atuar tem se apresentado como um fator muito positivo para a formação dos estudantes e assume relevância ainda maior porque constitui um primeiro momento em que os estagiários têm contato com a atividade de docência.

O projeto de estágio da disciplina de didática, como um percurso formativo, proporciona aos estudantes estagiários o conhecimento do currículo, a análise e reflexão do trabalho docente, a ação docente nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar resultados, impasses e dificuldades. Esse conhecimento envolve o estudo, a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções no âmbito de ensinar e aprender, assim como propõem Pimenta e Lima (2008). As atividades sugeridas para o estágio e sua disposição ao longo do semestre favorecem, com o programa de aula e as discussões em supervisões de pequenos grupos, o estudante de pedagogia para que tenha condições de construir sua identidade como professor, bem como de se perceber preparado para se inserir nos contextos e neles intervir (PIMENTA, 2001). Assim organizado, o estágio passa a ser um retrato vivo da prática docente, e o estagiário terá muito a “aprender, ensinar, a expressar sua realidade e a de seus colegas que nesse tempo histórico vivenciam os [...] desafios e crises na escola e na sociedade” (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 127).

Em relação às atividades, o programa de estágio propõe: observação participante em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental I; participação nas reuniões pedagógicas; análise do projeto político-pedagógico; realização de atividade durante o recreio e elaboração, desenvolvimento e avaliação de uma UD. Essas atividades se vinculam aos saberes pedagógicos, constituintes do campo epistemológico da didática e de sua intermediação com o campo curricular, e não podem ser percebidas como ações isoladas e pontuais, mas sim por meio de uma organização sistêmica e dialética. A seguir, há uma análise mais detalhada e aprofundada da UD como atividade mediadora da formação docente.

ATIVIDADE MEDIADORA DE DOCÊNCIA: PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DE UNIDADE DIDÁTICA NOS ANOS INICIAIS DA ESCOLA PÚBLICA

O estágio curricular obrigatório de didática prevê 30 horas de atividades. Essa carga horária é composta de: 14 horas de observação participante; 6 horas de atividade docente; 2 horas de participação em reunião; 2 horas de entrevista com o professor; 6 horas de supervisão. Considerando os objetivos deste trabalho, joga-se mais luz no item da atividade docente, que corresponde ao planejamento e desenvolvimento da UD.

A UD é uma atividade mediadora em que estão envolvidos vários sujeitos: os estagiários, as crianças e a professora da turma estagiada, assim como a educadora e as docentes da disciplina didática. A interação desses diferentes personagens, assumindo papéis diversificados, constitui um mediador importante para que os sentidos e os significados do fazer docente sejam construídos e ressignificados. Na perspectiva da psicologia histórico-cultural, as interações são mediadores fundamentais no processo de desenvolvimento do professor porque podem trazer elementos novos para significar e ressignificar a ação docente.

A atividade de planejamento e organização da docência é considerada uma atividade mediadora do desenvolvimento do professor em formação, visto que nela o estagiário interage com forças que têm o potencial para tensionar e alterar o desenvolvimento dos alunos da escola campo de estágio, mas, sobretudo, o seu próprio. Isso acontece porque, ao elaborar a UD, além de o estudante de pedagogia ter de recuperar os conhecimentos, as reflexões e as discussões feitas ao longo de todo o processo, tem de construir recursos e ferramentas didáticas para fazer uma proposta de organização de ensino tendo como eixo uma temática. Esse movimento, que vai da síntese teórica à ação criativa, deixa marcas que potencializam a compreensão do estagiário sobre a condição e o fazer do professor.

Com base nesse entendimento, a orientação assumida pela disciplina é de que a UD seja pensada e construída no diálogo com: as análises dos dados da observação da sala de aula e do projeto político-pedagógico; as conversas e trocas com a professora da turma estagiada; o repertório que os estudantes têm de disciplinas cursadas anteriormente; o desejo da dupla de estagiários de trabalhar com um tema com o qual se identifica e que está previsto no currículo da turma; as conversas com a educadora e com as docentes das disciplinas de estágio.

Sobre o princípio de dialogar com as professoras das escolas campo de estágio, desde o momento em que a universidade entra em contato com a gestão da escola para combinar as vagas e o formato dos estágios, as professoras das turmas estagiadas são entendidas como supervisoras do processo de formação dos estudantes. Primeiro, são informadas sobre as atividades que estão previstas no desenvolvimento do estágio, depois, são consultadas sobre a possibilidade de receber estagiários em suas salas. No decorrer do estágio, sugerem e orientam o que será feito na atividade de observação-participante³.

A participação das professoras das escolas campo de estágio também acontece no processo de formulação e aplicação da UD, considerando que são elas que acompanham e orientam os alunos na atividade de inserção. Os estagiários não podem apresentar uma proposta de planejamento de aula sem antes conversar e negociar com as professoras das turmas. Os docentes e os educadores da disciplina de estágio também estão o tempo todo em diálogo com essas professoras para garantir a unidade escola e universidade. No fim do estágio, há uma conversa com a gestão da escola com o intuito de avaliar o processo de realização do estágio.

Além do diálogo com esses diferentes interlocutores, o estudante em formação tem um espaço na disciplina para interagir com colegas que já cursaram o estágio em outras edições, denominado “mostra de estágios”. Essa atividade constitui mediador importante no processo de formação do professor, porque os estudantes compartilham as experiências de estágio pelas quais passaram, explicando como foi o desenvolvimento da atividade em todo seu processo.

³ Observação-participante é uma atividade em que o estudante, ao mesmo tempo, observa, analisa o que ocorre na sala de aula e se coloca à disposição para auxiliar o professor da turma com as demandas que surgem, como: produção de material didático, acompanhamento de atividades com os alunos que têm alguma dificuldade de aprendizagem etc.

A mediação das docentes e da educadora no processo de elaboração e desenvolvimento da UD ocorre em diferentes dimensões e momentos. A primeira dimensão é teórica: faz-se a análise de dados da observação participante alusivos à organização do ensino que acontece no momento das supervisões de pequenos grupos (fora do horário de aula), com um conjunto de três ou quatro duplas de estagiários. Estes são orientados a trazer relatos de forma mais livre sobre o que observaram na escola na atividade de observação participante. Posteriormente, a educadora e as docentes, com base no referencial teórico, direcionam o olhar dos estudantes para alguns elementos que fazem parte da organização do ensino e aparecem no conjunto de dados como questões que podem ajudar a compreender melhor a configuração do ensino na sala de aula, bem como os possíveis desafios didáticos que podem ser enfrentados na inserção dos estudantes em sala de aula.

A segunda dimensão é a da criação de uma proposta inicial para ser discutida e analisada pelas docentes, educadoras e estudantes, a qual acontece num momento coletivo de apresentação em sala de aula e de inserção na escola campo de estágio. Os estudantes são encorajados a pensar numa primeira proposição de UD, que deve ser apresentada ou de forma oral ou por meio de um esboço escrito para as docentes, a educadora e os colegas de turma, no espaço de reunião dos pequenos grupos. Nesse momento, as sugestões e as ponderações de todos os envolvidos são bem-vindas. Além das indicações de ideias para melhorar a proposição da atividade, em termos de recursos e/ou de caminhos a serem trilhados, direciona-se o olhar para os princípios metodológicos da pedagogia histórico-crítica, que fundamentam a construção do planejamento, a saber: prática social, problematização, instrumentalização, catarse e prática social refletida. Essa fase de elaboração da UD se repete duas ou três vezes, dependendo da demanda das duplas. Em cada etapa, a ideia é de que o coletivo ajude a melhorar as proposições pedagógicas de cada dupla. Na sequência, os estudantes são autorizados a fazer a inserção na sala de aula. Nesse momento, eles têm autonomia; contudo, as docentes e a educadora fazem o acompanhamento dirimindo dúvidas e dando todo o apoio pedagógico necessário para a realização da atividade de inserção.

A terceira dimensão é da síntese de todo o processo, que se materializa na elaboração, apresentação oral e por escrito do relatório final. Nesses instrumentos, há a possibilidade de o estudante refletir, elaborar e ressignificar a experiência de estágio com base na reflexão e no diálogo com os referenciais teóricos, com os pares, com as docentes e a educadora e com os diferentes sujeitos com quem interagiu na escola, principalmente, crianças e professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONSTRUINDO ALGUMAS SÍNTESES ACERCA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PEDAGOGO

A compreensão do estágio como elemento mediador do desenvolvimento do professor e como práxis contribui para pensar a formação inicial do professor mediante uma perspectiva mais complexa e processual. As atividades mediadoras que compõem o estágio ensinam que os estudantes de pedagogia possam estar o tempo todo construindo sínteses da ação docente. Essa síntese, na perspectiva da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural, passa por movimentos de construção e de ressignificação do fazer docente que são oportunizados pelas conexões que os estagiários estabelecem quando estão em atividade.

As atividades mediadoras permitem que os estagiários avancem na compreensão do que é ser professor conforme os colocam numa condição de reconhecer e compreender os múltiplos determinantes, por exemplo, o da ação docente na elaboração da UD. Além disso, o conjunto das atividades oferece autonomia, repertório e apoio para que possam criar e recriar a prática docente, levando-se, também, em consideração as experiências anteriores de estágio no curso e as mediações com o currículo. O diálogo com o conjunto

desses elementos potencializa e instrumentaliza o estudante em formação para perceber e entender o limite e a potência dos seus próprios recursos e repertórios, compreender e até antecipar alguns desafios que terá de enfrentar para propor e realizar a UD, a qual é fundamentada na pedagogia histórico-crítica.

Embora a compreensão do estágio como elemento mediador contribua para uma formação do professor mais sistemática e complexa, alguns pontos ainda precisam ser estudados e discutidos com maior cuidado, como a integração dos diferentes supervisores de estágio: as professoras das turmas estagiadas, a educadora e as docentes da disciplina de estágio na universidade.

Apesar de se compreender que as professoras das turmas estagiárias são mediadores essenciais na formação do estudante de pedagogia, o avanço no diálogo com esses atores esbarra, entre outras questões, em recursos humanos e financeiros que a universidade não dispõe para envolver esse professor para além do momento em que está com o estagiário na sala de aula e para investir numa formação desse profissional mais afinada com os referenciais do estágio.

A experiência de estágio como elemento mediador e como práxis sinaliza para uma formação inicial consistente e diferenciada, no entanto impõe desafios, como: a participação formal do professor da escola campo como supervisor do estágio, a melhoria das condições materiais e a disponibilidade dos recursos humanos da universidade para desenvolver um projeto de formação que integre professores da educação básica com os professores em formação. O enfrentamento desses desafios pode ocorrer pela implementação de políticas de formação de professores comprometidas com a qualidade da educação básica, garantindo a efetiva parceria entre universidade-escola de educação básica e integrando formação de professores, pesquisa e estágio.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, D. R. S. B. *O processo de apropriação da Política da Educação do Campo por profissionais de uma escola do interior do estado de São Paulo*. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. *Parecer CNE/CP nº 28/2001*. Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: MEC/CNE, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. *Resolução CNE/CP nº 1/2006*. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília: MEC/CNE, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 26 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. *Resolução CNE/CP nº 2/2015*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília: MEC/CNE, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 26 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. *Resolução CNE/CP nº 2/2019*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional

Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília: MEC/CNE, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 26 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. *Resolução CNE/CP nº 1/2020*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). Brasília: MEC/CNE, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 26 abr. 2022.

CORRÊA, B. C. Experiências de estágio em um curso de pedagogia: vivências e desafios em busca de uma formação de qualidade. In: ARAUJO, E. S.; PACÍFICO, S. M. R. (org.). *Docência e gestão: a aprendizagem em situação de estágio*. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2010. p. 27-39.

LEONTIEV, A. *O Desenvolvimento do psiquismo humano*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LIMA, M. S. L.; AROEIRA, K. P. O estágio curricular em colaboração, a reflexão e o registro reflexivo dos estagiários: um diálogo entre a universidade e a escola. In: GOMES, M. de O. (org.). *Estágio na formação de professores: possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão*. São Paulo: Edições Loyola, 2011. p. 67-81.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.

OLIVEIRA, R. N. C. A mediação na prática profissional do assistente social. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 26, p. 79-93, 1988.

PIMENTA, S. G. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

PIMENTA, S. G.; SEVERO, J. L. R. L. A Pedagogia como locus de formação profissional de educadores (as): desafios epistemológicos e curriculares. In: PIMENTA, S. G.; SEVERO, J. L. R. de L. (org.). *Pedagogia: teoria, formação, profissão*. São Paulo: Cortez Editora, 2021. p. 39- 72.

SÃO PAULO. Universidade de São Paulo. *Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*. São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação, 2021.

SAVIANI, D. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 7, p. 26-43, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/12463>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SAVIANI, D. *A Pedagogia no Brasil: história e teoria*. Campinas: Autores Associados, 2008.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. *Programa de formação de professores da USP*. São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

VÁZQUEZ, A. S. *Filosofia da Praxis*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *Obras Escogidas: Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Madrid: Visor, 1995. v. 3.

RIVAS, N. P. P.; PEDROSO, C. C. A.; BEZERRA, D. R. dos S. O Estágio curricular como atividade mediadora da formação do professor no curso de Pedagogia. **Formação Docente** – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, Belo Horizonte, Vol. 14, nº. 30 (p. 49-62) 29 ago. 2022. ISSN: 2176-4360. DOI <https://doi.org/10.31639/rbfp.v14i30.621>